



BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE

PROJETO MEMÓRIA ORAL

MASSAO OHNO

Hoje, 3 de abril de 2009, a Biblioteca Mário de Andrade registra o depoimento do senhor Massao Ohno para o Projeto Memória Oral da instituição, iniciativa esta que vem sendo desenvolvida com o objetivo de resgatar a história da Mário de Andrade de uma forma matizada, através de narrativas orais dos seus mais diferentes protagonistas: antigos funcionários, diretores, colaboradores, pesquisadores, artistas e intelectuais. Na direção de captação audiovisual deste registro, Sérgio Teichner e na condução do depoimento, Ana Elisa Antunes Viviani.

Ana Elisa Antunes Viviani: Bom, senhor Massao, boa tarde.

Massao Ohno: Boa tarde.

AE: Eu queria iniciar este depoimento solicitando que o senhor nos contasse um pouquinho sobre a sua origem familiar, os motivos que levaram sua família a vir para o Brasil. Qual era a profissão deles?

MO: Eu tenho uma notícia não muito interessante. O meu pai era militar e eu, cá entre nós, não sou muito adepto do militarismo, principalmente quando fascista e sectário, como foi o caso do fascismo japonês. Meu pai era general e fazia parte da ocupação da Manchúria. E ele, como se diz, ficou muito desapontado, para não dizer desiludido, pela maneira como o exército japonês se comportava na China. Houve casos muito violentos e ele, cada vez mais, sentia necessidade de se afastar de lá. Por isso, aproveitando o noticiário que grassava no Japão, de que seria muito interessante para o japonês fazer a América – se bem que esse “fazer a América”

tivesse uma outra conotação, um outro sentido – ele resolveu abandonar a China e embarcar para o Brasil. Ele veio como imigrante simples, mas em verdade, ele veio como adido militar, quer dizer, não saiu dessa condição até o final da vida. Quero dizer, ele tinha todas as prerrogativas de um militar em ação, em serviço, e veio, enfim, chefiando uma comitiva muito grande para cá.

AE: Ele já era casado?

MO: Não. Ele se casou aqui, mas com uma mulher que foi enviada do Japão para cá. Ela era de Hiroshima, ele era de Tóquio. Eu sou o nono de uma série de nove filhos. Sou o caçula. E depois dessa safra eu acho que eles resolveram parar de ter mais filhos. Aliás, eles me tiveram em função do seguinte: é que eu tive um irmão que morreu ainda jovem e, na ânsia de recuperar esse filho perdido, a minha mãe foi tendo filhas e mais filhas. E só parou realmente quando chegou um filho homem, no caso, eu, depois de cinco mulheres. Quer dizer, era a procura do filho perdido dela. Eu sei que tudo aquilo que se apregoava e que o governo japonês fazia questão de anunciar no fim era uma grande balela e os imigrantes sofreram muito no período de aculturação, de acomodação. E eles se preocupavam muito com a educação dos filhos. Como não havia escolas para filhos de imigrantes, eles mesmos criaram escolas aqui. No fundo, creio que todos eles tinham a esperança de poder voltar enriquecidos para lá. E não aconteceu nem uma coisa, nem outra. Enfim, o único período, que eu me lembro, de um total desatino foi o período da Segunda Guerra, em que o Brasil declarou guerra ao Japão e à Alemanha. A repressão não foi pequena. Eu me lembro claramente de situações extremamente conflitivas e constrangedoras. Até os sete anos eu não sabia falar e nem escrever em português, já que as escolas eram todas dirigidas no sentido de alfabetizar somente em japonês. Foi uma adaptação bastante brusca.

AE: Nesse momento, a sua família, o senhor já estava em São Paulo? Quando o seu pai veio para cá, ele já veio para São Paulo?

MO: Ele já veio para São Paulo.

AE: Então até os sete anos o senhor teve uma educação baseada realmente na língua japonesa e nesse momento da Segunda Guerra vocês foram proibidos... teve que ser reeducado à força.

MO: Essas escolas foram fechadas e houve um período de adaptação. Enfim, creio que conseguimos nos adaptar. Mas foram momentos, repito, constrangedores.

AE: E essas escolas que esses imigrantes formaram eram em que lugar da cidade? Na Liberdade?

MO: Eram na Liberdade ou arredores. Em verdade, a propalada conquista via agricultura da América era uma balela, porque a quantidade de pessoas desempregadas era muito grande no Japão, na época militar, na época da Segunda Guerra. Então muitos se travestiram de agricultores para poder sair.

AE: Entendi.

MO: Então veio uma leva muito grande de engenheiros, farmacêuticos, enfim, classe média.

AE: Profissionais liberais.

MO: Profissionais liberais que se rotularam agricultores, mas que não tinham nada a ver; nunca tinham pegado numa enxada. Então esses imigrantes se acomodaram na periferia do centro de São Paulo e criaram uma coletividade que se bastava entre eles. Mas foi muito difícil. Foi uma época terrivelmente difícil. Não se podia falar japonês, assim como era proibido o alemão, o italiano. E as pessoas tiveram que rapidamente se acomodar. Não foi fácil. Foi um período de perseguições e essas perseguições não se restringiram a meras bazófilas da população. Até os próprios imigrantes começaram a se rebelar entre si. Houve casos de morticínios injustificáveis dos que não acreditavam na derrota do Eixo e que eliminavam os elementos que tinham maiores informações, como era o caso do meu pai.

AE: É mesmo?

MO: Ele estava praticamente condenado a ser morto.

AE: Pelos membros da própria comunidade?

MO: Da própria comunidade. Meu pai tinha as informações porque ele recebia a correspondência, como militar, e percebia que a situação estava muito grave lá, no Japão. Mas, enfim, eles obrigaram todos os meus irmãos a estudar até diplomar e a mim coube a tarefa de concluir um curso de odontologia e para o qual eu não tinha a menor vocação. Eu, na verdade, queria fazer filosofia ou letras, mas constava que esses cursos não davam camisa a ninguém e que seria melhor um curso como medicina ou engenharia ou odontologia, o que fosse, que foi onde eu me formei, para não haver mais problemas de subsistência. Eu cliniquei durante dois ou três anos; foi o prazo suficiente para saber que não era para aquilo certamente que eu servia. Então vendi meus consultórios na cidade, no bairro, e comprei máquinas gráficas.

AE: Só voltando um pouquinho, senhor Massao, em que ano então que sua família chegou aqui no Brasil?

MO: Eles chegaram em 1920, 1920 e alguma coisa, que eu não me lembro precisamente.

AE: Então os senhores foram morar na Liberdade? Foi isso? Que bairros que...

MO: Não era propriamente a Liberdade, mas era um prolongamento da Liberdade, que era a Aclimação. Era um bairro contíguo e muito agradável.

AE: E as escolas antes da sua formação em Odontologia? Teve a escola de formação na língua japonesa e depois foi obrigado a estudar no idioma português. Em que escolas em que isso aconteceu, senhor Massao?

MO: Bom, eu só fiz o Ginásio do Estado porque era crença na época que os colégios particulares eram só para deficientes mentais e toda pessoa que se

prezasse teria que fazer o colégio estadual que, aliás, era muito rigoroso na época. Eu fiz tanto o ginásio, como o colégio, no Ginásio do Estado, que depois veio a se chamar Presidente Roosevelt, e o Colégio também. Depois, como todo e qualquer pretendente à universidade, tive que fazer cursinho. No caso, para odontologia, era o Curso Objetivo, que eu fiz. Fiz o exame, fui aprovado.

AE: Onde o senhor foi fazer? Na USP¹?

MO: Na USP. A faculdade ficava na Rua Três Rios, que era muito perto da Politécnica, no Bom Retiro. Enfim, me formei de certa forma com louvor lá, mas realmente a vocação não despontou.

AE: Onde era o consultório? Lembrando lá para trás...

MO: Eu tinha um consultório no Centro para atender a clientela japonesa indicada pelos meus pais, e um consultório na periferia, que era na Vila Prudente, para atender a população de menos recursos. A odontologia ainda agora é um ramo que propicia uma renda muito grande. Eu tinha uma clientela realmente selecionada, mas realmente eu não me dei bem. Preferi deixar e sujar as mãos.

AE: Como foi o interesse do senhor, quer dizer, teve alguém na família do senhor que o influenciou nesse seu interesse por literatura, pelos livros, para depois vender o consultório e comprar o equipamento?

MO: É, a minha família toda lia muito. A biblioteca de casa era imensa. Meu pai tinha uma biblioteca com mais de dez mil volumes. Meus irmãos e minhas irmãs também liam muito e a gente trocava muitas ideias sobre autores. Enfim, a época era muito propícia. Eu, falando da Mário de Andrade, eu me referia muito à Biblioteca Circulante. Eu circulava muito por lá para retirar os livros que eu não tivesse, de forma que eu tenho a melhor das lembranças da Biblioteca Municipal.

AE: Então esse primeiro contato com a Biblioteca se deu através da Circulante?

¹ Universidade de São Paulo

MO: Não, na Biblioteca mesmo.

AE: Na Biblioteca mesmo?

MO: Na Biblioteca. Havia muitas consultas lá e respirava-se um ar de juventude. Havia muitos jovens circulando pela Biblioteca. Enfim, tornou-se um *point* quase que obrigatório da nova geração. E acredito que esteja assim até hoje, de modo que, eu torço, a missão de vocês seja a melhor possível e que a Biblioteca continue a representar aquilo que representou a nós. Quer dizer, um ponto de referência obrigatório.

AE: Senhor Massao, o senhor fazia pesquisas normalmente na Biblioteca? Que livros que o senhor se recorda, pérolas que talvez o senhor tenha encontrado aí?

MO: Bom, para dizer a verdade, livros que eu não encontrava em livrarias, mas que achava essenciais, são títulos que eu vim a recorrer na Circulante. Posso dizer que mais da metade da minha leitura se deveu à Biblioteca Circulante.

AE: O senhor chegou a fazer amizades lá dentro? Conheceu turmas?

MO: Conheci muito porque a Biblioteca era muito frequentada pelo pessoal da Filosofia, Ciências e Letras, e outras faculdades também, inclusive de Medicina, Direito. Enfim, sempre saíamos do final das leituras para uma confraternização e lá perto havia choperias que eram muito convidativas, como o Franciscano, por exemplo. As faculdades todas se reuniam e trocavam gentilezas entre si, como guerra de chope e outras...

AE: O senhor já estava na Odontologia nessa época?

MO: Já estava sim.

AE: E como que era a circulação então do senhor na cidade? O senhor morava na Aclimação, ia para a Faculdade no Bom Retiro, depois ia ao show da choperia?

MO: Felizmente eu tive o privilégio de ter automóvel naquele tempo, que era uma coisa bastante rara entre estudantes. Isso me facilitava muito a locomoção, o que não quer dizer que eu não andasse de ônibus, de bonde. Nunca tive problemas desse tipo. Na própria Biblioteca eu conheci muitos jovens com pretensão a editarem seus livros sem a menor condição de fazê-lo. E foi lá que eu conheci também, por exemplo, a Hilda Hilst, que saía da Faculdade de Letras e ia para lá.

AE: Ah, é? Ia para lá?

MO: É. E era uma moça muito bela. Aliás, continuou bela até o final da vida. Era uma pessoa muito interessante, das poucas mulheres a frequentar choperias. Ela frequentava muito.

AE: Senhor Massao, um pouquinho antes de a gente começar a gravar – depois eu retomo a história da sua relação com os poetas – o senhor estava contando que as linhas de bonde confluíam para a Biblioteca, por isso que todo mundo também parava por lá. Se o senhor puder...

MO: Justamente porque as linhas de bonde vinham pela Avenida Consolação ou aquelas que vinham da Praça João Mendes e atravessavam o Viaduto do Chá. Havia uma confluência muito grande nessa região, principalmente de cinemas. E os estudantes... já naquele tempo se matava muita aula para ir ao cinema. A confluência era muito grande e a frequência maior ainda. Então acho que, por essas circunstâncias e também porque os magazines, inclusive de venda de roupas, etc, o único ponto de referência era justamente a confluência da Rua Sete de Abril, Xavier de Toledo, 24 de maio. Era naquela região. Então era uma confluência muito grande.

AE: Senhor Massao, o senhor se recorda de ter assistido alguma conferência no auditório da Biblioteca, de ter participado de algum curso?

MO: Assisti muitas conferências. Agora, no momento, não estou me lembrando exatamente do tema e do conferencista, mas eu me lembro que o fato de estarmos sempre por lá era convidativo. Enfim, da Biblioteca só tenho boas recordações.

AE: Senhor Massao, o senhor mencionou cineclubes. Acho que foi o Ugo Giorgetti, com quem gravamos um depoimento, que nos contou que ele ia muito assistir a filme japonês. O senhor também participava, assistia? Porque depois o senhor teve uma relação com o cinema.

MO: Tive também.

AE: O senhor frequentava muito o cineclubes?

MO: É, isto porque, na Sete de Abril ficava a Cinemateca Brasileira e frequentávamos muito as sessões todas que a Cinemateca prodigalizava. Como se diz, era o *point* da cidade. Nada se passava que não acontecesse naquele quadrilátero, digamos assim. O cinema japonês só chegou depois de um acontecimento, quando o filme *Rashomon* ganhou o prêmio do festival de Veneza, o Leão de Ouro, se não me engano. Então, a partir daí, o cinema japonês, que era só dedicado à colônia japonesa, começou a interessar também ao público em geral. O Cine Coral, na época, ficou muito conhecido por apresentar, no cinema, filmes japoneses e também europeus. Mas foi na Liberdade realmente que o público não-japonês começou a comparecer em massa. Havia quatro cinemas então, na ocasião, que exibiam somente filme japonês e a frequência era a mais variada possível. E houve a necessidade então de se aplicar, de se colocar legendas, que não havia até então. Esses filmes começaram a ser legendados em português e com isso a atração foi maior ainda. Houve, pode-se dizer, assim como um surto do cinema japonês.

AE: A minha mãe conta que ia direto ver filme japonês.

MO: Mas pode estar certa que foi depois do Leão de Ouro.

AE: Senhor Massao, bom, o senhor contou que vendeu os seus consultórios e com o dinheiro comprou o equipamento para uma gráfica. E onde se localizava? Como foi então esse processo do senhor falar assim: “Bom, agora não quero mais trabalhar com isso, agora vou fazer o que eu gosto”?

MO: Isso começou... bom, enquanto eu fazia faculdade, eu trabalhava muito para cursinho de vestibular, exatamente o Curso Anglo-Latino e o Curso Brigadeiro. Eu era encarregado de imprimir todo o material gráfico desses dois cursinhos. Era bastante bem remunerado na época, e mesmo depois de me diplomar. Acontece que o volume de pedidos era muito grande e eu não podia deixar aquela atividade, porque nessa época eu já estava noivo para casar e eu precisava desse subsídio da gráfica. E como eu não encerrei a gráfica, mesmo depois de formado e com o consultório montado, o recurso foi ter que ampliar mesmo a gráfica. A gráfica era num casarão que ficava onde hoje é o Centro Cultural Vergueiro.

AE: É mesmo?

MO: É, exatamente. Foi destruído para a construção. Era uma casa enorme. Enfim, com esse dinheiro, é que eu pude me casar. Tive três filhos e depois, mais tarde, eu descasei, depois casei novamente. Enfim, foi uma sucessão de casamentos.

AE: Então, senhor Massao, o senhor fazia essas apostilas para cursinho – tinha bastante demanda pelo jeito – então o senhor aprendeu esse *know-how* de trabalhar com editoração. Foi nesse momento?

MO: Quer dizer, eu tive que me adaptar à circunstância, porque não apenas esses cursos, mas as próprias faculdades de medicina, de engenharia, odontologia, começaram a me solicitar muito a impressão de material. Então, de um passatempo, de um quebra-galho, vamos dizer assim, aquilo passou a ser uma atividade preponderante.

AE: Em que época foi mais ou menos isso?

MO: Final da década de 1950, 1960 inteira. Eu vim a me desfazer disso em meados de 1970.

AE: E o processo, então, de o senhor fazer apostilas e depois começar a editar livros de poesia, como que foi isso, esse processo? O senhor já tinha essa vontade ou começaram a procurar o senhor justamente porque o senhor fazia esse trabalho? Como que foram casadas essas duas coisas?

MO: Eu sempre me interessei muito por literatura, mas eu não me achava ainda em condições de editar. Então, foi com essa experiência de editoração que eu vim a conhecer muitos autores, não só de São Paulo, mas do Brasil todo. Meu *hobby* na época era viajar mesmo. Quer dizer, tendo feriado, qualquer oportunidade que tinha eu estava viajando. Assim praticamente eu conheci o Brasil de Norte a Sul, Leste a Oeste; foi a melhor coisa que eu fiz, eu acho. Fui ampliando horizontes, fazendo contatos, e só tive satisfações com isso. Mas, enfim, a Biblioteca está na raiz disso tudo. Conheci muita gente boa lá, muita gente procurando mostrar o seu trabalho e aí eu creio que a editora se firmou como editora de autores estreantes, de autores novos.

AE: Qual foi o primeiro livro que o senhor publicou então já nessa... já como editor de livro de poesia?

[interrupção na gravação]

AE: Bom, senhor Massao, o senhor estava contando que conheceu vários escritores na Biblioteca, autores que ainda estavam começando o trabalho e aí eu perguntei, acho, qual foi o primeiro livro que o senhor editou e quando foi, qual foi o impacto disso.

MO: Não se trata do primeiro livro, mas um dos primeiros livros foi uma antologia com mais de trinta autores, uma antologia que se chamou *Antologia dos Novíssimos*. E muito desse pessoal que está nessa *Antologia*, hoje está bastante consagrado e na mídia, ou trabalhando como repórteres em várias revistas, enfim, com o nome já consagrado. Então, vamos dizer que a gente pode dar o início das

atividades, se bem que não tenha sido com essa *Antologia*. E daí a diversificação para outros autores. Os *Novíssimos* ganharam uma notoriedade quando houve uma inauguração no Teatro Municipal e eles todos se apresentaram recitando seus poemas no palco e um desafortunado ali fez o que na minha opinião não deveria ter feito que foi... mijou no palco. Isso foi considerado um escândalo nacional porque foi um desrespeito muito grande ao teatro, à cultura brasileira. E muita gente acha que eu instiguei o rapaz a fazer isso para ganhar uma certa notoriedade. Porque isso serviu de pretexto até para a *Veja* dar a capa de um dos números.

AE: Como foi isso? Foi quando foi lançado o livro ou foi depois?

MO: Não, foi pouco depois.

AE: Porque o *Antologia* é de 1961, 1960, 1961.

MO: É, um pouco depois, 1962, 1963. Isto, de qualquer forma, levantou a questão dos autores jovens e eu creio que isso foi motivo para muita controvérsia, muita discussão. Eu acho que foi positivo.

AE: Em termos de crítica literária, teve alguém que escreveu alguma coisa sobre esse lançamento na época nos jornais, no Suplemento Literário?

MO: Muito. Muita coisa pró, muita coisa mais contra do que pró.

AE: É mesmo?

MO: É, mas eu acho que isso tudo fomentou muito a questão da dificuldade de edição de livros.

AE: E esses autores, esses poetas que procuravam o senhor querendo publicar o material? O senhor dava pequenas orientações, falava...

MO: Total.

AE: Como era? O senhor acompanhava? Como funcionava essa relação com esses poetas?

MO: Muito original, sem a menor condição de trabalho em cima. Muita gente voltou depois com textos já bastante trabalhados, mas uma conversa sempre era necessária.

AE: Aí o senhor dava algumas diretrizes e as pessoas acatavam, discutiam?

MO: Acatavam porque notavam realmente que havia falhas gigantescas e que a gente não poderia deixar publicar uma coisa que fosse violentamente contra os preceitos normais de uma edição de livro, quer dizer, erros de regência, de concordância, de colocação. Muita coisa, enfim, que precisava ser retocada. E, ao contrário, havia muitos originais perfeitos, sem nenhuma necessidade de retoque, nem nada.

AE: Houve, posteriormente, alguém que procurasse o senhor para reeditar essa *Antologia*? Porque ela foi publicada... teve alguma outra edição ou foi só essa?

MO: Teve mais uma edição dois anos depois porque a tiragem se esgotou. E ultimamente há solicitações para que eu volte a uma edição de trinta, quarenta anos depois. E sou capaz de fazê-lo porque hoje, mais da metade desses antologiadados está trabalhando na mídia ativamente, em revistas. Então eu acho que seria um incentivo para os novos candidatos a mostrarem seus trabalhos.

AE: Como era a parceria do senhor, então, com os artistas – o Cyro del Nero?

MO: Havia uma necessidade de mudar um pouco o aspecto das edições, que era muito pobre. E isso eu me vali de amigos meus da área de artes plásticas e tudo, além de artistas gráficos, que havia muito bons aqui. E solicitei o concurso deles, como foi o caso do Mabe, por exemplo, que, com a maior boa vontade, assinou várias capas sem cobrar nada, absolutamente. Se bem que ele fosse considerado um mercenário como artista plástico, comigo, pelo menos, ele foi de uma cortesia e uma amabilidade sem par. E como não podia deixar de ser, a Sociedade Japonesa

daqui começou a me cobrar também trabalhos. Eu, junto com a Sociedade de Cultura Japonesa da Fundação Japão, tivemos uma atividade bastante grande na área de livros didáticos. E me empenhei muito nisso, com livro de conversação, também um dicionário de japonês-português, e também um dicionário de *kanjis*, que são os ideogramas, trabalho que me consumiu quase vinte anos. E, por incrível que pareça, não recebi da parte da colônia japonesa uma consideração maior por isso. Essa consideração veio do Japão. Eu recebi alguns prêmios de lá em função disso. Mas eu, em verdade, essas últimas homenagens que eu recebi não foram da colônia japonesa, foram de entidades locais, que foi o caso do Instituto Moreira Salles e também do Instituto Tomie Ohtake. Mas eu creio que não foram, ao meu ver, à altura do que eu representei uma certa época.

AE: Senhor Massao, voltando um pouquinho à questão da distribuição dos seus livros, porque, nessa homenagem do Instituto Moreira Salles ao senhor, eu li um depoimento do Claudio Willer e ele conta que, para a distribuição dos livros, havia um esquema de assinatura. Como é que funcionava isso?

MO: Bom, digamos, cada autor novo evidentemente tinha uma pequena corte de admiradores, não apenas familiares, mas amigos, conhecidos. E eu consegui sensibilizá-los a ponto de adquirirem sempre os livros de autores novos que eu editava. E isto virou praxe, de maneira que eles compareciam e compravam os livros mesmo de autores que eles não conheciam, para justamente me ajudarem nesse mister. Se bem que eu... o dinheiro que eu ganhava com a edição de material didático para cursos e faculdades era mais do que suficiente para eu poder bancar as edições. Em verdade, as edições eram de tiragem mínima, mil exemplares no máximo. Isso eu conseguia fazer com o saldo de papel que me sobrava das apostilas.

AE: É impressionante mesmo.

MO: E para não onerar a edição, eu mesmo, depois do expediente, eu mesmo fazia às vezes de impressor. Trabalhei muitos sábados e domingos e feriados e tudo justamente para diminuir o custo dos livros. Porque sendo um autor novo e desconhecido, se os livros fossem muito caros, por mais boa vontade que houvesse

por parte de público, a rejeição ia ser maior ainda. De maneira que eu mesmo imprimi a maior parte dos livros de autores novos.

AE: E, apesar da tiragem ser pequena, mesmo assim... quer dizer, eles eram bem recebidos.

MO: Eram e...

AE: As pessoas liam mais poesia?

MO: Olha, para dizer a verdade, liam bem mais do que agora. E uma coisa também que ajudou muito foi que os críticos literários foram muito benignos e faziam as suas apreciações em longas reportagens e tudo, se bem que os autores fossem desconhecidos. Mas essa atenção dos críticos foi muito importante. Eu creio que o endosso deles valia muito na ocasião.

AE: Ajuda as pessoas a terem contato.

MO: A terem essa noção de ajudarem mesmo a levantar o autor novo.

AE: E teve algum autor que o senhor tenha rejeitado e que depois se lançou? Aconteceu algum caso assim, de gente que foi procurá-lo e que o senhor falou: "Não, isso não dá"?

MO: Teve também. Não vou negar que houve casos, mas a maior parte das vezes a gente dava uma corrigida no texto, melhorava o texto. Enfim...

AE: O senhor já tinha essa percepção quando apresentavam então, se dava caldo ou não.

MO: Tinha um corpo de seleção também.

AE: Senhor Massao, também no depoimento do Claudio Willer, eu li que teve uma época em que o senhor se mudou para o Rio de Janeiro e foi trabalhar na Civilização Brasileira. Como foi isso?

MO: É, eu tive um convite do Ênio Silveira para fazer uma fusão com a Civilização. Então me deslocuei para lá, fizemos um acordo, e comecei a editar muito com o material do Rio, do pessoal do Rio de Janeiro. Já tinha muitos amigos lá. Enfim, foi uma época de grande dinamismo, foi uma época muito interessante. Eu me casei lá no Rio e morei lá durante dez anos, frente ao mar, que era uma coisa maravilhosa. Realmente, acordar de manhã e abrir a janela, sentir a brisa do mar é...

AE: Em que bairro o senhor morou?

MO: Copacabana. Depois Ipanema, depois o...

AE: Leblon?

MO: Não, o Leblon não. Eu gostava mesmo é do Jardim Botânico, chamado de Sovaco de Cristo. Morei lá um bom tempo. Foi muito interessante.

AE: E o senhor chegou a sentir falta de São Paulo? Porque o senhor tem uma relação muito orgânica com a cidade de São Paulo.

MO: É, eu tinha porque de todos esses meus contatos que eu fazia lá, eu vim a trabalhar mesmo, com impressão e tudo, aqui em São Paulo. O preço era melhor e eu tinha mais facilidades aqui do que no Rio.

AE: E aí o senhor ficou dez anos no Rio, voltou para São Paulo...

MO: Morava na Ponte Aérea, na verdade, indo e vindo.

AE: E essa sua relação com o cinema, senhor Massao? Como aconteceu isso?

MO: Foi uma época em que, assim como havia autores novos em literatura, havia diretores novos, como era o caso do Glauber, que estava despontando, o Rogério Sganzerla, que é muito meu amigo; morreu faz um ano. Enfim, enveredamos por esse caminho e cheguei a – não a financiar completamente –, mas a dar uma força para vários diretores novos.

AE: Então foi uma relação como produtor.

MO: Como produtor.

AE: E depois, então, o senhor já está em São Paulo. E eu li também no depoimento do Willer que o senhor faz uma iniciativa de tentar fazer um grande lançamento de livros e que resulta na Feira de Poesia e Arte de 1976. Como foi isso? Porque eu já li umas coisas sobre essa feira e parece que foi um marco importante em termos culturais na cidade.

MO: É, tudo é importante na verdade. Mas então eu estou num dilema agora, porque eu não tenho mais sessenta anos. Estou com 73 anos, quer dizer, alguma coisa pesa, se bem que eu faça um pouco de ginástica alternativamente. Eu venho de cinquenta anos de tabagismo e álcool. Eu sou um alcoólatra e largar o álcool e deixar de fumar então... Deixar de fumar foi muito pior.

AE: Foi recente isso, que o senhor...?

MO: Três anos.

AE: Parou de fumar faz três anos?

MO: Muito difícil, muito difícil. Eu admiro quem consiga, porque eu parei umas cinco vezes, depois retornei. E cada retorno era uma internação, porque não tinha meios mesmo de parar sozinho.

AE: Então, senhor Massao, a gente pode falar um pouquinho sobre literatura hoje. O que o senhor acha, então... a gente falou que os leitores de antigamente liam muito

mais poesia do que hoje. Então eu queria saber como é a produção de poesia hoje, se tem algum autor que o senhor acha que mereça destaque, que tenha destaque suficiente. Como o senhor vê hoje a situação do panorama de literatura e poesia?

MO: Eu estou com um problema agora, que os meus contemporâneos, os meus amigos estão morrendo um a um. É uma coisa impressionante. De repente eu me vejo sozinho. A Hilda foi no ano retrasado, uma perda lamentável. Nós éramos muito amigos e trocávamos ideia sobre tudo e todos.

AE: O senhor publicou vários livros de poemas dela.

MO: Muitos. Foram ao todo 13 livros, que a Globo comprou os direitos e fez uma coisa muito bonita, aliás. Ela estava muito mal financeiramente e a Globo comprou os direitos e deu um adiantamento para ela. Deu para ela pagar as dívidas todas, para ela continuar a beber o seu litro de *scotch* todo dia, o que não é pouco. Quer dizer, ela teve um final de vida que eu não posso dizer feliz, mas, pelo menos, contente com ela mesma. Eu achei muito bonito por parte da Globo. Antes da Globo, quem prestou uma grande ajuda a ela foi o Pinotti, que foi o reitor da UNICAMP², que deu uma bolsa para ela, mas insuficiente para as despesas que ela tinha. Porque além de tudo, além do litro diário, ela tinha cinquenta, setenta cachorros.

AE: Setenta cachorros, lá em Campinas, no sítio dela?

MO: E para dar ração para essa cachorrada era um sufoco danado. Ela, muitas vezes, acho que deixava de comer para comprar ração para os bichos.

AE: É mesmo? Ela tinha amor aos animais mesmo.

MO: Até que uma amiga minha de São Paulo resolveu dar para ela uma doação mensal e enviava para a casa dela, para a suposta governanta, que pegava o dinheiro e não comprava ração nenhuma. E ela descobriu isso. Então ela cortou a

² Universidade Estadual de Campinas

remessa de verba e passou a mandar ração. Então não tinha jeito, tinha que receber mesmo.

AE: Nossa, que coisa! E algum outro poeta que o senhor gostaria de contar um pouquinho?

MO: O próprio Willer, o Piva, por exemplo, um excelente poeta. Ele pode ser maldito ou não, mas é um excelente poeta.

AE: O senhor mantém algum contato ainda hoje com o Piva?

MO: Raramente. O Piva hoje é o preferido da Globo.

AE: Também...

MO: Quer dizer, eu vejo isso com muita satisfação. O gerente editorial da Globo é um menino novo. Por acaso é meu fã.

AE: Ah, tá! Não à toa.

MO: É. Foi ele quem arrumou esse negócio para a Hilda. Sou muito grato a ele. É um menino de uma competência incrível.

AE: Como é o nome dele?

MO: Agora eu estou me esquecendo os nomes. Daqui a pouco eu lembro. E, além de tudo, um excelente poeta, Nossa Senhora!

AE: E o que o senhor acha do – em termos de literatura – mercado editorial de literatura? Será que as pessoas estão se interessando mais? Porque estamos vendo um *boom* de megalivrarias, feiras literárias acontecendo. O senhor acha que isso realmente pode modificar...?

MO: Uma coisa é certa: piorar não piora. Então já é uma grande ajuda. E eu acho que isso de se tornar um viciado em leitura de livros, e principalmente de livros de poesia, é uma questão de tempo. Por exemplo, o Mário Quintana, com setenta e tantos anos, ele ia pelo menos duas vezes por semana às livrarias próximas de onde ele morava para ver se havia novidades, se havia isso ou aquilo. Isso é que eu acho uma fidelidade ao livro. Tadinho, morreu...

AE: Já vai fazer, esse ano, quinze anos da morte.

MO: Também não. Acho que uns dez anos. Eu fui visitá-lo no apartamento que ele morava e foi um apartamento que foi cedido por um futebolista que gostava das poesias dele.

AE: Nossa, que ótimo!

MO: Ele foi lá e comprou um hotel velho – o Quintana estava sem onde morar –, e ele pegou um apartamento e caprichou no apartamento. Reformou, trocou cortina, tapete, enfim, deu um trato no apartamento e convidou o Quintana a ir morar lá, sem cobrar um tostão, e com café da manhã.

AE: É mesmo?

MO: É. O Quintana só viveu cinco, dez anos mais porque tinha esse trato. E partindo de um jogador de futebol, eu acho mais notável ainda.

AE: Incrível!

MO: Incrível. Quer dizer, sem ser milionário, sem ser nada, mas um fulano que fez questão de dar esse bom trato ao velho Quintana quando muitos milionários lá em Porto Alegre poderiam fazer isso, mas não o fizeram.

AE: E o senhor, senhor Massao, costuma acompanhar esses lançamentos? Vai às livrarias para ver o que está sendo lançado?

MO: Vou, vou sim. Quer dizer, não com a frequência de antigamente, mas certamente quando eu ando aqui pela Paulista... Há uma série de livrarias ótimas aí.

AE: Existe alguma editora hoje que o senhor acha que talvez ela tenha assumido o papel de lançar esses novos autores que o senhor... mas com qualidade?

MO: Não só uma, como trinta.

AE: Trinta!? Nossa, que ótimo, que alento!

MO: Isso é ótimo. Acho que esse é o grande resultado do meu trabalho, porque eu incentivei essas criaturas a se lançarem nesse mercado. Então há editoras primorosas no Rio, aqui em São Paulo, até em Brasília e Campinas. Então eu acho que todos viram que não é nenhum negócio tão da China assim que não se possa realizar. E com trabalhos muito bons, muito bons mesmo. Eu acho que, no fundo, esse é o grande legado que eu vou deixar, essa sequência de editoras pequenas, novas.

AE: E algum poeta que... algum novo nome de poeta que o senhor ache que realmente vai marcar em termos literários?

MO: Bom, eu sou meio suspeito em dizer, mas eu acho que alguma experiência editorial importante tem que ter, que é o caso do Carlos Felipe Moisés, por exemplo. Além de ser excelente professor, é um enorme poeta. Como é o caso, como eu estava dizendo, do Willer, que sempre foi professor, o caso do Piva, por exemplo, que é um caso excepcional; ele está produzindo cada vez melhor. A Hilda, então, coitada, eu acho que ela se foi numa ocasião que ela estava para produzir o melhor dela. Foi uma pena, uma lástima. A Hilda realmente... Eu que não sou nada pudico, nem casto, nem moralista, eu cheguei a aconselhá-la muitas a vezes dar um basta nessa coisa da bebida. Porque ela chegou num ponto do alcoolismo que ela não tinha mais fome, entende? A maioria dos bêbados que eu conheço, depois do décimo gole vai tratar de jantar, etc. E ela não, ela rejeitava todo e qualquer tipo de alimentação. Quer dizer, ela curava a ressaca com outro porre, e assim ela foi

enfraquecendo cada vez mais. No final da vida ela estava um feixe de ossos. Não tinha mais gordura para queimar, nada.

AE: Nossa, uma perda mesmo.

MO: É. Mas não dá. Conheço bêbado de longe e é muito difícil você aconselhar um bêbado. É muito difícil. E no caso da mulher é mais fácil convencer do que um homem, mas chega um certo ponto em que não há mais possibilidade de recuo. Eu estou com 73 anos, se bem que a minha média de vida seja 110 anos, então tem que me dar um desconto de uns 15 anos pela bebida que eu tomei, mais uns cinco anos pelo cigarro que eu fumei. E tenho que me aguentar. Então eu tenho feito muita caminhada, essas coisas.

AE: Mas o senhor continua produzindo. Tem perspectivas de continuar...

MO: Aí é que está. Isso foi um desalento porque, com essa homenagem que eu tive, tudo, eu acho que o pessoal interpretou de uma outra maneira: que eu estava pendurando a chuteira. E isso pegou mal na gente.

AE: Outro lado...

MO: Pelo contrário. Eu estou com energia para dar, para fazer o dobro do trabalho que eu fazia antes.

AE: Senhor Massao, voltando um pouquinho a entrevista, o senhor está familiarizado com a literatura japonesa que se publica hoje? Porque tem saído bastantes romances japoneses, por uma editora...

MO: É, eu estava querendo até criar uma linha nesse sentido, mas eu creio que é um pouco prematuro ainda. Ou seja, há autores muito bons, competentes e tudo, mas eu acho que criar uma linha de trabalhos nesse sentido irá necessitar de muito trabalho em cima, de divulgação, de difusão mesmo. Estou com vontade é de retomar os *Novíssimos*, com uma nova linha de autores novos e algumas reedições, inclusive da *Antologia*.

AE: Isso é ótimo. A receptividade ia ser bem positiva. E o que o senhor acha dessas formas literárias, digamos assim, que estão surgindo devido ao uso do computador, da internet? Tem havido uma publicação de pessoas que escrevem textos na internet. Como o senhor vê isso?

MO: Eu acho isso é uma espada de dois gumes, porque a internet, ao mesmo tempo que massifica e esbanja em difusão, eu acho que ela enfraquece um pouco. Os textos são pouco trabalhados. Eu acho que isso pode dar ao autor do texto uma sensação de criação, mas em verdade eu acho que o que está havendo é uma diluição do mérito. Então, no final das contas, eu acho que é prejudicial. Não creio que vá ser esse o caminho, não.

AE: E justamente com essa possibilidade da gente... quer dizer, eu não consigo, mas o conteúdo dos livros disponibilizados no computador, hoje em dia até em celular, e com a possibilidade de vir o livro eletrônico, como ficaria o livro em papel? Quer dizer, ele ainda tem futuro ou aos poucos talvez...?

MO: Eu acho que vai ter cada vez mais futuro. O livro como tal não vai se acabar nunca; assim como o jornal não vai acabar, as boas revistas também não. E as consultas via internet acho que vão se perder logo mais, quer dizer, não vão chegar a interessar. A menos que seja para uma consulta mais simples, etc.

AE: Entendi. Jamais para substituir um conteúdo.

MO: Não vejo possibilidade disso.

AE: E, senhor Massao, não sei se o senhor está a par das iniciativas do Estado e de algumas instituições culturais de fazer o livro chegar ao público em geral. Enfim, gostaria de saber se o senhor tem na sua cabeça ações que poderiam ser tomadas para que a população se tornasse mais familiarizada com o livro, iniciativas que visam realmente a formar um público leitor.

MO: Bom, aí voltamos à velha biblioteca. Quer dizer, eu creio que qualquer comunidade com mais de quinhentas pessoas deveria contar com uma biblioteca pequena que fosse, cinco mil títulos, dez mil títulos. Mas é preciso ter, criar sensibilidade. E em torno da Biblioteca o movimento cultural vai se fazendo. Então o número de bibliotecas no Brasil, o índice de leitura *per capita* no Brasil é dos mais baixos do mundo. Não chega a dois livros-cabeça/ano. Quer dizer, é muito pouco. Um turista japonês que veio a São Paulo se encontrou comigo e falou que o que mais o impressionou no Brasil é que ele não via ninguém no metrô lendo. Enquanto que em qualquer cidade japonesa, européia ou chinesa você não encontra ninguém que não esteja lendo nos metrôs e trens. E aqui é esse desastre, vamos dizer assim. Agora isso tem que mudar, deve mudar, mas com algum tempo. Biblioteca circulante é uma coisa absolutamente necessária em qualquer ginásio, em qualquer colégio, em qualquer comunidade.

AE: E aí eu retomo... quer dizer, o senhor estava comentando um pouquinho antes da entrevista sobre esse papel da Biblioteca. Agora ela está tentando se modernizar, tanto em termos de edifício, como em termos de aquisição de acervo, informatização. Que outras ações talvez ela pudesse ter para que, justamente, as bibliotecas tenham esse papel de aproximar...?

MO: Palestras, conferências. Por mais incrível que pareça... Digamos que a Madonna queira fazer uma palestra sobre um livro qualquer. Está certo que as pessoas vão procurar a Madonna pelos outros dotes dela, mas o simples fato de comparecer a uma palestra que trate de literatura, seja lá quem for que dê a palestra, é um sinal de interesse. Não se pode desprezar nada nesse sentido.

AE: Senhor Massao, tem hoje alguma experimentação artística, editorial que o senhor esteja envolvido ou que o senhor vislumbre alguma que seja interessante?

MO: Bom, eu vou continuar insistindo na tecla das edições. Vou tentar recriar novamente o mercado e, pelo menos, pelos próximos dez, quinze anos, eu espero retomar as atividades no ritmo que eu estava há um ou dois anos atrás.

AE: No ano passado o senhor publicou, acho que junto com a Fundação Japão, um livro sobre os cem anos da imigração japonesa.

MO: Ah, sim. Mas isso é uma publicação comemorativa, digamos assim. E eu tive problemas de toda ordem para isso, quer dizer, falta de recursos e uma certa implicância por parte de órgãos japoneses. Enfim, não é fácil lidar com essa área de publicação.

AE: Senhor Massao, para a gente começar a se encaminhar para o final da entrevista, que livros que o senhor ainda revisita, que o senhor relê, livros que o senhor acha que ainda são instigantes e que livros que o senhor gostaria de ter editado?

MO: Olha, você veja bem. Eu estou agora me... não estou mais morando aqui. Acabamos de nos separar e etc. E eu tive que encaixotar três mil livros que eram livros de revisitação obrigatória.

AE: Três mil livros!

MO: Eu estou com a minha biblioteca completamente...

AE: O seu criado-mudo tem três mil livros.

MO: Então isso é uma coisa que me faz uma falta terrível. Mas não adianta eu levar esses livros para Boituva e depois ter que trazer tudo de volta. Então vou ter que me instalar aqui, com escritório, e uma parte de residência mesmo. E tenho que fazê-lo o mais rápido possível. Mas como eu assumi a casa lá no interior, agora eu preciso primeiro regularizar essa parte porque minha filha perdeu o marido faz meio ano e está totalmente baratinada e confusa. Então eu preciso normalizá-la, o estado financeiro da casa e tudo, e ficar com essa casa como uma segunda opção. Quer dizer, passar duas semanas aqui e uma semana lá. Ou passar uma semana inteira aqui e no fim de semana eu dou um pulo, que fica a uma hora daqui. É um lugar aprazível, realmente. É muito bom e tem uns cachorros lá que eu adoro. E para cachorrada aquilo é lindo. É uma chácara enorme com muitas árvores e flores.

AE: Que delícia!

MO: Piscina. Mas não é uma casa barata, mesmo no interior, digamos. E casa como tal é preciso ter e prever as coisas de sobrevivência. Não pode deixar faltar luz, nem gás, nem água, essas coisas todas. Então eu estou aprontando lá a chácara para poder dispor dela da melhor forma, mas não vou levar o escritório para lá.

AE: O intuito do senhor é manter o escritório aqui em São Paulo?

MO: Ah, preciso ter, ou aqui ou no Rio.

AE: Mas e os autores, aqueles autores que são fundamentais?

MO: É só eu começar a atividade que chove autores, lá ou cá. Eu preciso é mais me preparar para esse novo estágio. Não é fácil, eu preciso manter duas casas e tenho a sorte ainda de não ter nenhum dependente direto. Meus quatro filhos... somente essa que está agora em Boituva com algum problema, mas ela tem toda uma vida estruturada. Ela está dando aula em quatro academias. É alguém que está muito bem profissionalmente, mas o que ela ganha é muito pouco. Não dá para ela aguentar sozinha.

AE: Entendi. Senhor Massao, para a gente finalizar, uma curiosidade. Pelo que eu entendi, o senhor veio de uma família bem tradicional japonesa e que insistiu para o senhor fazer um curso de odontologia e no final o senhor acabou migrando para essa área de literatura e poesia. Como que eles viram isso, no momento em que o senhor assumiu então esse lado? Como os seus irmãos, que são engenheiros, olhavam para esse outro irmão que...

MO: Os meus pais deixaram de falar comigo.

AE: É mesmo? Cortaram...

MO: Cortaram relações. Meus irmãos e irmãs idem. Quer dizer, eu fiquei num mato sem cachorro, realmente. Porque o nível de vida que eu tinha familiarmente era muito alto. Isso porque a embaixada prodigalizava ao meu pai “N” concessões, porque ele era adido militar. E militar num regime como o japonês é o supprassumo de tudo. No Brasil não existe, é resto mesmo. E pelo o que o meu pai contou da fase militar dele, eu sei por que ele largou tudo aquilo. Porque o que eles fizeram na China foi algo totalmente inadmissível, abominável – tortura, câmara de gás. Tudo o que aconteceu em Auschwitz, perto do que os japoneses fizeram, é fichinha.

AE: É mesmo?

MO: Foi muito feio. E só quem não tem nenhuma sensibilidade poderia continuar.

AE: Entendi. Isso me fez lembrar... quer dizer, durante esse tempo todo que o senhor publicou na década de 1960, quer dizer, o regime militar de alguma maneira interferiu? O senhor chegou a ser coagido?

MO: Eu não posso ir para o Japão, por exemplo, porque, pelas leis japonesas, o regime militar deles, como eles falam, para todos os efeitos, eu não fiz serviço militar. Não interessa se eu fiz CPOR³ aqui. Isso para eles não vale absolutamente nada. Para eles eu sou um súdito do Imperador e tenho que morrer – matar, se for o caso – por ele. Então é um negócio terrível. Eu teria que fazer um serviço militar, mesmo que tardiamente, e seria um serviço duríssimo.

AE: Mas e os militares daqui, do nosso regime militar? Porque o senhor publicava poetas, essa vida meio subversiva – atrapalharam em algum momento?

MO: Eu tive que me inscrever em alguma coisa, então eu me inscrevi na Aeronáutica. Mas, como eu era aluno de Odontologia, eles me colocaram... deixaram à minha revelia. Se eu quisesse fazer a caserna, tudo bem. Senão, depois que me formasse, eu me tornaria segundo tenente da Aeronáutica. Quer dizer, como

³ Centro de Preparação de Oficiais da Reserva

tal, posso ser mobilizado, em caso de guerra, a qualquer momento. Não para pilotar avião, mas para servir como cirurgião-dentista.

AE: Entendi.

MO: De qualquer forma, fui poupado de serviço militar e tudo. Mas para os japoneses não tem nada disso. Para eles eu continuo mais japonês do que nunca, ainda mais sendo filho de militar. Então é um negócio meio violento.

AE: E a sua família não reagiu depois a ligação com o senhor, passado esse momento?

MO: É, porque eles tinham uma noiva para casar comigo e eu me casei com uma brasileira. Para eles isso foi o maior escândalo.

AE: Senhor Massao, o senhor gostaria de colocar alguma coisa que eu não tenha perguntado, alguma pergunta que eu deixei escapar, alguma lembrança que o senhor tem?

MO: Para concluir, eu só posso dizer que foi muito agradável a minha atividade como editor. Só tive satisfações e muitas, tanto é que eu pretendo continuar ainda por mais dez ou quinze anos, dependendo da minha saúde, mas eu acredito que eu vá conseguir isso, de forma que vamos tocar o barco pra frente. Espero daqui a dez anos estar conversando com você.

AE: Eu também, senhor Massao. Em nome da Biblioteca Mário de Andrade, agradeço profundamente o depoimento que o senhor nos deu e espero que, de repente, a gente possa fazer algumas parcerias no futuro. Suponho que a gente tenha bastante assunto para trocar.

MO: Para finalizar, eu agradeço essa oportunidade que vocês me deram e vamos ver o que eu posso conseguir daqui pra frente.

AE: *Ok*, senhor Massao. Estamos torcendo para que o senhor contribua ainda muito para a literatura e o mercado editorial no Brasil.